

O Professor Lúcio Costa ouviu o chamado de Brasília e aqui voltou para ajudar na correção de sua trajetória para o futuro, emocionando-se ao rever a cidade que criou na prancheta.

Serena, bela e única

O quando ainda na década de 60 esteve em Brasília o astronauta soviético Yuri Gagarin, perguntaram-lhe o que achava da nova capital brasileira. "Na minha viagem pelo cosmos - ele disse - não encontrei cidades. Mas se as tivesse visto certamente seriam como Brasília".

A cidade "contemporânea do futuro" de que fala o senador Cattete Pinheiro foi projetada pelo notável urbanista Lúcio Costa que aqui nos conta da grande epopeia de sua construção e dos imensos problemas que tiveram de ser removidos, um por um, muitos dos quais ao preço de elevado sofrimento.

Numa de suas últimas visitas a Brasília, emocionado de ver a monumentalidade de sua obra, Lúcio exclamava: "Aqui estou, nesta cidade que inventei e que se adensou, que se transformou e agora me surpreende pelo vulto e pelo sentido que adquiriu de verdadeira Capital do País". No seu impulso emotivo as razões do planejamento, pois Brasília fora feita, na conceção original, para abrigar entre 500 e 700 mil habitantes; não mais. "Ao aproximar-se destes limites, então, é que seriam planejadas as Cidades-Satélites, para que estas se expandissem ordenadamente, racionalmente projetadas, arquitetonicamente definidas. Este era o plano proposto. Mas ocorreu o inverso, porque a população que construiu a cidade aqui ficou e com ela o problema de onde localizá-la".

Nos dias atuais uma das principais preocupações da humanidade é o fantasma da poluição. São Paulo, uma das maiores cidades do mundo, já submerge no negrume da fumaça intoxicante, levando as autoridades às mais profundas reflexões e a noites de insônia. Sobre isto dizia ainda recentemente o ex-Prefeito daquela Capital, que não há mais tempo para tibiezias no combate à poluição. "Qualquer passa errado, qualquer atuação de magia, qualquer timidez de ação, e pronto: tornar-se-á cidade insólivel, um monstro urbano, disforme e neurótico". Pois Brasília é de algum modo a resistência a tais problemas que assolam hoje as maiores cidades do mundo. Ela surgiu com o ambicioso propósito de encontrar respostas para algumas das mais inquietantes indagações do nosso século, no campo do planejamento urbano, e das condições ideais de habitabilidade. Sabia-o Lúcio Costa, que foi irredutível no cumprimento das linhas básicas de sua conceção, cujo resultado final pode estar na expressão admirada de Nelson Rockefeller quando aqui desembarcou pela primeira vez, experimentando então a sensação de "ter colocado um pé no futuro".

PALAVRA DE RECONHECIMENTO

"O meu primeiro pensamento é Lúcio Costa quem o diz - é voltado para aqueles que, de fato, construiram esta cidade. Essa massa sofrida do nosso povo, que constitui o baldrame da Nação e que para cá afliu, a fim de realizar a obra num prazo exiguo, com sacrifícios tremendos e grande idealismo. Essa população que aqui está não quis voltar, espalhou-se e forçou uma inversão da ordem natural do planejamento que era a cidades-satélites virarem depois de a cidade concluída". Explica que o planejamento original es-

tabelecia o regresso de um terço da população aos seus Estados de origem, o outro terço seria absorvido pela própria atividade local e, finalmente, o terço restante ingressaria na atividade agrícola, por ser uma população de origem rural. Daí ter sido a NOVACAP o cuidado de estabelecer convênios com o Ministério da Agricultura para criar fazendas-modelo na periferia do Distrito Federal, visando absorver exatamente esse contingente populacional. "Sucedeu que o plano muito sensato desvaneceu-se, não foi levado avante, lamentavelmente, como tantas vezes ocorre em nosso País".

OS CONSTRUTORES

Depois fala Lúcio Costa, com entusiasmo, sobre os três outros

cidade correrá o risco de atrofiar-se, de não se realizar na sua plenitude.

Achei isso extraordinário, marcou-me profundamente o espírito essa visão, essa coragem, essa decisão do Presidente".

Conta ainda Lúcio Costa ter feito outras observações que o Presidente recusou judicialmente. Entendia que a Asa Norte deveria ser deixada para depois, para outras administrações, mas o Presidente objetara, com "aquele ar um pouco infantil que ele tem: Não, senhor. Quero fazer logo, deixar a estrutura da cidade de ponta a ponta, com o esqueleto já montado e iluminado". É que no espírito dele, como uma criança, o Presidente queria ver o brinquedo montado,

jetos, a fazer aquilo que lhe parecia mais aceitável. Ele tinha tendências a se permitir certas alterações. Criou impasses com Oscar Niemeyer. E mais uma vez o Presidente se revelou o administrador, o homem de visão, porque depois de certos episódios fixou claramente o setor de cada um. Disse em dado momento:

- Israel, o que for de arquitetura é o Oscar que delibera; de urbanismo é o Lúcio; de execução é você. Fora daí nada de interferências.

Assim foi, e tudo correu bem daí por diante.

CARACTERÍSTICAS

Agora comece o Dr. Lúcio Costa a falar no fundamental, isto é, das características de

bora sinte uma certa tendência para a criação de outras estações rodoviárias. A idéia de que a estação rodoviária está ficando saturada não corresponde inteiramente à realidade, porque ela está sendo utilizada para finalidades de outra natureza, isto é, os ônibus estacionam indevidamente, se abastecem e ficam como se estivessem numa garagem. Ali não é garagem, mas estação rodoviária.

Fala de outra característica fundamental da cidade, a criação das Quadras, julgando-a uma contribuição original. "É inovação e tenho a impressão de que, bem ou mal, deu resultado, embora não tenha sido levada avante de forma inteiramente satisfatória. Mas a idéia deve ser mantida, prin-

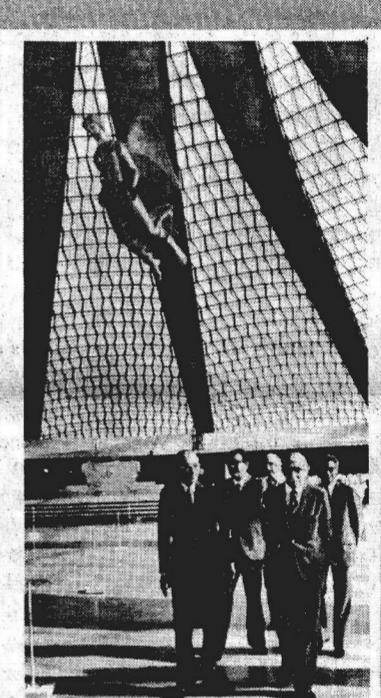
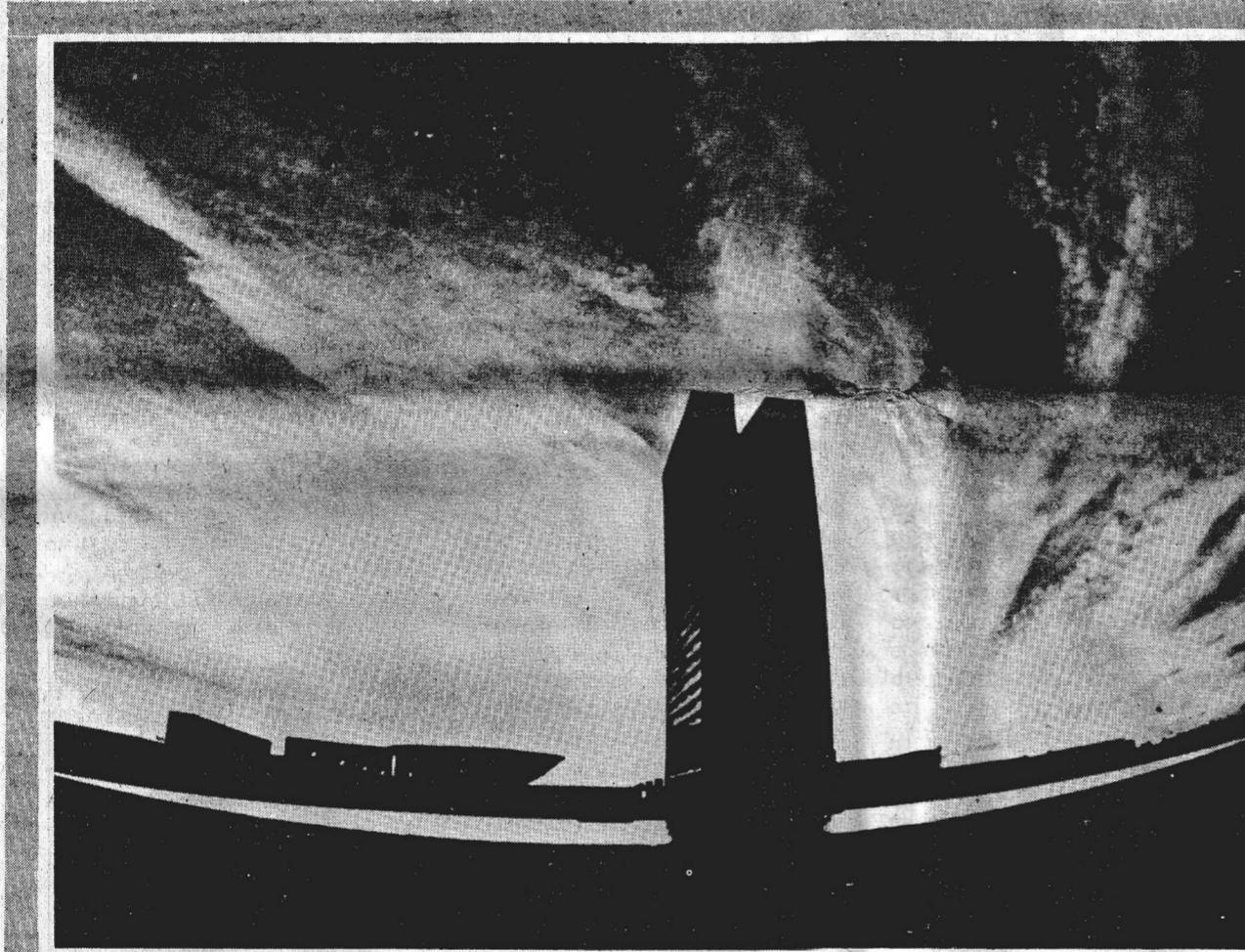
alegação de que não há o que reformular, mas atualizar. Lembra que logo no início houve uma inversão das coisas, pois pensava-se em construir no final de tudo as Cidades-Satélites, mas tiveram de ser antecipadas porque os trabalhadores que vieram construir o Plano Piloto aqui acabaram ficando, gerando a necessidade de oferecer-lhes acomodação em outro local. "O resultado é que a cidade ainda está oca e, entretanto, os dois terços da população moram na periferia, o que foi um desvívamento".

Agora é a advertência grave que faz - precisamos prever áreas adequadas para a expansão da cidade, de forma a impedir que ela se faça ao longo das vias de conexão com as denominadas Cidades-Satélites, emendando tais núcleos à matriz, ao chamado Plano Piloto, o que seria um desastre. Uma proposição racional seria a da criação de dois anéis em volta do núcleo piloto propriamente dito. Áreas que deveriam ser estimuladas para as atividades agrícolas, oferecendo assim ocupação às populações que residem nas Cidades-Satélites. Lúcio Costa se irrita sempre que falam na necessidade de alteração do plano original de Brasília. Garante que os inimigos da conceção primeira dramatizam quando falam em problemas insolubéis. Mas não é infenso "às mexidas" com o objetivo de promover atualizações. Até está disposto a colaborar nisso. "Mas para outras finalidades não contem comigo".

CAPITAL DA CIVILIZAÇÃO

Brasília ainda não havia sido inaugurada quando André Malraux, em 1959, aqui desembarcou, percorreu suas avenidas, visitou edifícios, almoçou num dos apartamentos e afinal sentenciou:

- Em nome de tantos monumentos que povoam nossa memória, graças vos sejam dadas, brasileiros, por haverdes depositado confiança em vossos urbanistas e arquitetos para criar a cidade, e em vossa povo para que lhe tenha amor. Tal ousadia, sabemos como alguns a temem, mesmo dentre amigos vossos. Mas se eles não se enganam quanto à resplandecente originalidade desses projetos, é possível que aprendam mal o que lhes confere decisivo valor histórico. É chegada a hora de compreender que a obra que começa a erguer-se diante de nós é a primeira das Capitais da nova Civilização".



Ao rever a criatura, Lúcio Costa, seu criador, fez um apelo: Deixem ela crescer como foi concebida, como deve ser: derramada, serena, bela e única.

construtores de Brasília. "Inicialmente, como todos têm no espírito, o Presidente Oliveira, como era conhecido, então, em Portugal. O segundo, o arquiteto Soares e finalmente o engenheiro Pinheiro que, desprendido do prenome bíblico, precebeu até outra pessoa.

Essas três personalidades excepcionais fizeram Brasília.

Eu gostaria de caracterizar aqui a impressão que me deixaram. O Presidente foi um homem de visão. Lembro-me de que quando começou a construção da cidade, eu lhe propus não fizesse logo a plataforma, (rodoviária), uma obra de vulto, dispendiosa e de proporções enormes. Que se concentrasse mais na implantação de uma ala da cidade e fosse, aos poucos, estendendo-a, desenvolvendo parte por parte. Ele virou-se para mim e disse: "Não senhor. Eu faço questão de levantar essa plataforma. Porque se não fizer, há o risco de ela não ser feita no futuro, ou ser protelada indevidamente, comprometendo a conceção do seu plano. A conceção do plano é baseada no cruzamento dos eixos, em vários níveis. Sem a plataforma isso não funcionará, ainda que para o uso inicial da cidade não seja de fato necessária. É preciso fazer o supérfluo - ele me disse - porque o necessário será feito de qualquer maneira; o supérfluo é que precisa ser feito agora, porque será necessário amanhã e, se não for realizado neste momento, a

aceso, iluminado e dentro do período exiguo de três anos que faltavam para completar sua administração. Achei isso muito bonito, de fato uma coisa fantástica, cheia de candura e de idealismo da parte dele.

Depois fala de Oscar Niemeyer que considera um profissional extraordinário. "Ele se transportou para cá e dedicou-se de corpo e alma à obra, realizando essas edificações fundamentais que caracterizam, que marcam Brasília, e marcarão para sempre a Capital com aquela beleza espontânea e pura, aquela intenção de graça e pureza, característica de sua obra arquitetônica muito diferente de várias concepções hoje em voga, mas que não passam de meras abordagens. Por tudo isto entendo que Brasília não pode ser tratada de forma precipitada, para não desvirtuar o que tem de fundamental e característico".

Sobre Israel Pinheiro, ele diz: "O amigo Israel foi uma personalidade contraditória, muito criticada, mas aprendi a admirá-lo e respeitá-lo. Fiquei gostando dele - de sua energia, da sua dedicação. Um homem de ação, com todos os riscos e perigos que implicam a paixão executiva, como era a dele. Como fazendeiro estava habituado a mandar, a impor sua vontade. Essa personalidade peculiar aflorou em certa fase da obra. Era um risco, porque ele estava habituado, como em Araxá, em Belo Horizonte, a alterar pro-

Brasília, dos traços e da conceção que lhe tomaram semanas e semanas de exaustivos estudos.

"No meu espírito, quando tive a intenção de marcar a posição da Praça dos Três Poderes, objetivava acentuar o contraste da parte civilizada, de comando do País, com a natureza agreste do cerrado. Propunha que esta viesse ao encontro do arrimo, triangular que caracteriza a Praça. É um triângulo equilátero, com os Três Poderes acentuados, cada qual num vértice. No contato direto desse triângulo com a vegetação, no meu espírito um tanto romântico, imaginava que teria um sentido: o cerrado representaria o povo, a massa de gente sofrida, que estaria ali junto ao poder da democracia que lhe é oferecido. Mas essa idéia foi logo destruída, sem querer, pelas máquinas de terraplenagem. Quando dei por mim já haviam arrasado completamente o cerrado e revolvido a terra em volta dos Três Poderes. E o cerrado, uma vez destruído, não mais se recupera".

Indica como outra característica a convergência das rodovias para o centro urbano. Habitualmente, nas cidades, as estações rodoviárias são postas nas periferias. Os passageiros alí chegam e sofrem o problema de se transferirem para o sistema viário local. Em Brasília, em razão de seu traçado, o centro rodoviário foi localizado no próprio coração da cidade. Acho que isso deve ser mantido, em

cialmente com edificações de seis pavimentos e não mais. É fundamental que nas quadras residenciais se evitem inovações no sentido de gabarito mais alto a pretexto de maior densidade, como ocorrerá certamente no futuro. Acredito que esse limite de seis pavimentos estabelece certa intimidade às quadras, certa segurança de que as crianças estarão sempre ao alcance da voz. Transformar as quadras em quartéis, com grandes edifícios em altura, seria descharacterizar completamente a idéia fundamental de Brasília, que é criar áreas de vizinhança agradáveis, em que a pessoa se sinta, de fato, desprendida da área urbana. É fundamental ter presente a idéia das quadras, procurar defendê-las da melhor maneira possível, para evitar que, no futuro, a Cidade possa ser descharacterizada, tanto mais que o objetivo final é manter a horizontalidade nesses seis quilômetros de cada lado, para que o centro urbano se defina em altura no cruzamento dos eixos".

Lúcio Costa discorda dos que dizem que a cidade foi concebida em três escalas fundamentais. Em verdade, diz ele, como os Três Mosqueteiros as escalas de concepção são quatro: a escala gregária, a monumental, a cotidiana e a bucólica.

Quanto a reformulação do plano original de Brasília, declara-se o arquiteto intelligentemente contrário, sob a

